

CAPPS, Walter H. e outros.

"EL FUTURO DE LA ESPERANZA", Salamanca, SÍGUEME, 1 973, 141 págs.

Distribuição no Brasil: Livraria TECNO-CIENTÍFICA, São Paulo (SP).

Esta obra é resultante de uma série de conferências pronunciadas na Universidade da Califórnia (E.U.A.) em 1 968, por motivo de comemoração do 1º centenário daquele centro de ensino. Tais conferências, — pronunciadas por teólogos e filósofos alemães e norte-americanos — tiveram como tema o "Futuro da Esperança" e foram complementadas com debates que vêm registrados no livro ora apresentado. Não se preocupem os "guarda-caças" da Filosofia e da Teologia: não se trata de confusão de fronteiras ou indevida mistura. Todavia, o chamado "Movimento da Esperança" tem, hoje, uma face filosófica e outra teológica, distintas mas não incompatíveis. A despeito do notável esforço desenvolvido por umas poucas editoras (como por exemplo a PAZ e TERRA), no sentido de conscientizar os brasileiros quanto às obras notáveis de Pierre Furter, Jurgen Moltmann, Ernst Bloch e muitos outros que têm construído a Filosofia da Esperança, tal conscientização apresenta-se ainda diminuta. Sem dúvida, no que concerne à boa informação das importantes correntes da Filosofia Contemporânea, isto é lamentável lacuna. Esta a razão pela qual achamos por bem resenhar esta obra escrita em língua espanhola, pois que ela é abrangente, mostrando a diversidade de aspectos de um mesmo movimento e, conseqüentemente, evitando unilateralidade no conhecimento. A obra se compõe, além de uma Introdução (que a situa historicamente), de seis capítulos, a saber: os quatro primeiros, textos expositivos, e os dois últimos, textos dialógicos.

CAPÍTULO I ("O Lugar do Movimento da Esperança".)

Assim como a Introdução, o capítulo I é de autoria de Walter H. Capps. Trata-se de um brilhante ensaio sobre o "Movimento da Esperança" (nas duas significações: filosófica e teológica), no qual o autor freqüentemente se coloca numa posição exterior à matéria para: a) **descrever** as origens e as características do Movimento da Esperança; b) analisar as relações concretas entre o conteúdo do pensamento esperançoso e as circunstâncias de planejamento que, encontradas em áreas industriais, evidenciam a propriedade de uma filosofia e de uma teologia orientadas para o futuro; c) **avaliar** as realizações atuais do Movimento da Esperança, bem como as possibilidades que ele abre para a mentalidade de mudanças e para o futuro. O ensaio de Capps revela-se muito rico, tanto informativa quanto interpretativamente. Nele percebemos, claramente, que o Movimento em foco não elabora uma concepção nefelibata de esperança, chegando mesmo a ser propositadamente alheio a qualquer "filosofia das nuvens". Ressalte-se a importância dos comentários às obras de Feuerbach, , Ernst Bloch, Jurgen Moltmann, Johannes B. Metz.

CAPÍTULO II ("O Homem como Possibilidade").

É o texto de uma conferência pronunciada por Ernst Bloch para estudantes, em Viena. Foi inserida no livro "El Futuro de la Esperanza" para que lhe significasse o cerne teórico. Não se justificaria a ausência de um texto de Bloch em uma antologia do Movimento de Esperança, uma vez que o filósofo alemão, diríamos, é a base de quase tudo na construção esperançosa da atualidade.

Ernst BLOCH se propõe inicialmente, a meditar sobre "os sonhos de quem sonha acordado". Vê o DEVANEIO como uma forma de REBELIÃO (inconformação com a realidade tal como se apresenta) e, portanto, como SINAL de esperança. Analisa diversos posicionamentos de filósofos para concluir que: quando se dá a transição do DEVANEIO para o PLANEJAMENTO, prepara-se de fato o futuro. Bloch estuda o poder do espírito para imaginar o mundo "como deveria ser", bem como o caráter de **sucessão** do ser do mundo (realidade aberta e não realidade pronta e acabada). Ernst Bloch é marxista. Chamam-no "marxista herege". Isto porque, é visto pelos marxistas em geral como "religioso nostálgico", tanto quanto é tido pelos religiosos em geral como "ateu mesmo".

Com os subtítulos: “as coisas precisam de nós”, “um empreendimento sem precedentes” e “decisão para o indeciso”, o filósofo estabelece o engajamento histórico da Filosofia da Esperança num mundo que nos aguarda para a decisão de um futuro onde residem todas as possibilidades (as boas e as más).

O texto deste capítulo II está, em sua íntegra, neste número de Reflexão, como homenagem a Ernst Bloch no transcurso de seu 90^o aniversário.

CAPÍTULO III (“O Mandamento de Esperar: Resposta à Experiência Judaica Contemporânea”).

Este ensaio é do rabino Emil FACKENHEIM (Universidade de Toronto), que se dedicou a refletir sobre o grande papel da Esperança na experiência judaica de hoje. A perspectiva de Fackenheim é muito própria, não derivada de Bloch (ao qual critica, em seus posicionamentos marxistas e em outros posicionamentos que soam a Fackenheim como irrealistas). Este autor critica os teólogos da morte de Deus (teólogos do “Dios-ha-muerto”), argumentando que eles não conseguiram pôr-se de acordo a respeito: do que queriam dizer com DIOS, do que queriam dizer com HA e do que queriam dizer com MUERTO. O rabino/filósofo, após análise filosófica do princípio da esperança, arrasta a teoria para dentro da História Judaica Contemporânea, demonstrando que AUSCHWITZ, em vez de matar as possibilidades de esperar, deu-lhes mais vívidas bases. Frisa que: embora a Teologia da Esperança aproxime cristãos e judeus, ela não tem exatamente o mesmo sentido para ambas as comunidades de fé, o que dificulta um tanto o real início do diálogo entre si. Para o judeu, a Esperança é um **mandamento** que não pode ser quebrado. Há, no trabalho em tela, uma atordoante combinação de racionalismo e misticismo.

CAPÍTULO IV (“Religião, Revolução e Futuro”).

Escreveu-o Jurgen MOLTSMANN, teólogo alemão da Universidade de Tubingen, reputado como dos mais profundos e objetivos da atualidade. O autor aborda o “reacionarismo” e o “inovacionismo” desde os ângulos: teológicos, políticos, econômicos e filosóficos. Moltmann situa nossa geração em um hiato que vai “dos velhos tempos que se acabaram” aos “novos tempos que

ainda não começaram". Defende a tese de que, ainda quando estivemos promovendo grandes mudanças, fomos até aqui historicamente reacionários. Tanto a religião quanto a revolução social têm-se desenvolvido sob o jugo do prefixo RE (Renascimento, Reforma, Rearmamento Moral etc.), pois por enquanto estivemos cativos do "mito do eterno retorno". Moltmann nos vê exatamente "em busca do Paraíso perdido". Não desprezando o passado, coloca-o no lugar que lhe compete e abre perspectivas religiosas e políticas (esperançosas) até o NOVUM (em vez de Re-volução, a Pro-revolução, em vez de Re-ligião, Proligião). Ainda em seu ensaio, o erudito alemão examina os desvios "econômicos, político e racial" do homem de hoje, acreditando que o sofrimento faz "negar o negativo" do presente e permite ao homem ir da "experiência" (vivida negativamente) à "esperança" (como planejamento positivo do futuro). Este texto de Moltmann apresenta algumas novas concepções do teólogo, não encontráveis de forma assim amadurecida em sua obra "Teologia de la Esperanza", da editora **Sígueme**, de Salamanca.

CAPÍTULO V ("Esperança, depois de AUSCHWITZ e HIROSHIMA ? ").

Diálogo em muito elevado nível, do qual participaram: o rabino Fackenheim, Johannes B. Metz e J. Moltmann — com a mediação de Walter Capps. O conteúdo do capítulo é bastante perceptível em seu título. Significa, este diálogo, para os caminhos da filosofia da esperança, uma autêntica prova de fogo. A atuação de todos os participantes traz contribuições notáveis ao pensamento contemporâneo (teológico e filosófico).

CAPÍTULO VI ("A Religião no ano 2 000").

Por volta de 1 968, quis instalar-se entre intelectuais das mais diversas áreas uma tendência à "futurologia". Como esta nada tem a ver com a Filosofia ou a Teologia da Esperança, foi posteriormente deixada de lado. Este diálogo apresenta características francamente futuroológicas. Dele participaram: E. Fackenheim, Harvey Cox, Johannes B. Metz e Thomas F. O'Dea, sem um mediador nomeado.

"El Futuro de la Esperanza", pela sua abrangência e profundidade, é leitura indispensável às mais variadas áreas do saber contemporâneo,

sobretudo a quantos se pretendam manter atualizados filosófica e teologicamente, significando também um ar novo e sadio sobre as angústias de nosso tempo.

João Francisco Regis de Moraes.